



DESAFÍO Y PERSPECTIVAS ACTUALES EN EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN

**VIVÊNCIAS DE AMAMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS**

**Dulce Maria Pereira Garcia Galvão**

Professora Coordenadora, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Pós Doutoranda em Enfermagem na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

**Isília Aparecida da Silva**

<sup>2</sup>Professora Titular, Escola de Enfermagem da Universidade de S. Paulo, Doutora em Enfermagem Obstétrica, Universidade de São Paulo

*Fecha de recepción: 26 de enero de 2011*

*Fecha de admisión: 10 de marzo de 2011*

**RESUMO**

Estudo descritivo, transversal, comparativo, Janeiro/2008 e Fevereiro/2011, para estudar, analisar, comparar as vivências de amamentação das crianças Portuguesas e Brasileiras, aplicando-se em escolas públicas um questionário a 1078 crianças Portuguesas do 3º e 4º anos do 1º Ciclo de três Concelhos de Coimbra e 1800 Brasileiras do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental de três Municípios, do interior Paulista.

Maioritariamente foram amamentadas, sensivelmente metade das Portuguesas sabia o tempo, em média inferior ao das brasileiras. Nem sempre as famílias aproveitam os momentos para mostrar a amamentação todavia, o tema é falado. O uso de chupeta é recorrente nas duas culturas. As famílias, conviventes significativos e serviços de saúde têm sido elementos favorecedores. Existem diferenças nos elementos da comunidade. Os professores informam sobre aleitamento, já os profissionais de saúde pouco intervêm, os meios de comunicação social sobretudo para as Portuguesas não promovem. Os brinquedos têm utensílios estimuladores da alimentação artificial o que é reproduzido nas brincadeiras. As Portuguesas consideram amamentar “Dar mama ao bebê” e as Brasileiras “Dar leite ao bebê”. Gostariam de amamentar, mesmo publicamente, não gostam de ver fazer, alguns desconhecem que o leite materno é o melhor. Têm falsos conceitos e desconhecimento sobre vantagens da amamentação.

**Palavras-chave:** Aleitamento materno; Criança; Vivências; Conhecimento; Atitudes.

**ABSTRACT**

January/2008 and February/2011, to study, analyze, and compare the Portuguese and Brazilian children's breastfeeding experiences, applying a questionnaire in public schools in 1078 Portuguese



## VIVÊNCIAS DE AMAMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS

children to the 3rd and 4th years of the 1st cycle of three municipalities of Coimbra and 1800 Brazilian to the 4th and 5th years of the elementary school of three municipalities, of São Paulo.

Mostly breastfed, appreciably half of the Portuguese knew the time, the average was below of the Brazilian. Families do not always enjoy the moments to show breastfeeding. Ler foneticamente Dicionário - Ver dicionário detalhado

however, the subject is spoken. Pacifier use is recurrent in two cultures. Families, cohabiting significant and health services have been elements favoring. There are differences in the elements of the community. Teachers inform about breastfeeding, already the health professionals are little involved, the media, especially for the Portuguese, do not promote. The toys have stimulators utensils of feeding artificial which is reproduced in the games. The Portuguese consider breastfeeding "Give breast to the baby" and the Brazilian "Give milk to the baby". Would like to breastfeed, even in public, do not like to see, some unknown that breast milk is best. Have misconceptions and ignorance about the advantages of breastfeeding.

**Keywords:** Breastfeeding; Children; Experiences; Knowledge; Attitudes.

## INTRODUÇÃO

A realidade portuguesa, sobre incidência, prevalência, acompanhamento sistematizado de dados relativa ao aleitamento materno, apresenta grau de desconhecimento bastante elevado. Já a sociedade brasileira oferece maior riqueza de estudos sobre esta matéria, demonstrável, não só pela diversidade de entidades e especialistas, mas igualmente sobre a implementação de diferentes práticas promocionais. Todavia, a carência de estudos centrados sobre a criança e a amamentação motivou-nos para o estudo deste grupo importante no processo de protecção, promoção e suporte da amamentação. Assim questionámo-nos: Quais as vivências de amamentação das crianças Portuguesas e Brasileiras? Existem diferenças entre as vivências de amamentação das crianças Portuguesas e Brasileiras?

Efectuou-se, nos dois países, um estudo descritivo, transversal, de carácter comparativo, para estudar, analisar e comparar o que a criança sabe, pensa, conhece, aprende e tem vivenciado sobre amamentação.

## MÉTODOS

Utilizou-se um questionário, pré-testado e submetido ao Comitê de Ética, com questões fechadas, abertas e mistas, traduzido para o Português do Brasil, aplicado a crianças portuguesas e brasileiras que aceitaram participar no estudo e que frequentavam estabelecimentos de ensino público, respectivamente, o 3º e 4º anos de escolaridade do ensino Básico de 73 escolas de 6 agrupamentos de três Concelhos da área educativa de Coimbra e o 4º e 5º anos do ensino Fundamental de 25 escolas Estaduais e Municipais de cidades de três municípios de São Paulo.

A população em estudo foi de 1339 crianças portuguesas e 3890 Brasileiras.

A aplicação do questionário, cujo tempo de preenchimento não ultrapassou os 30 minutos, decorreu em Portugal entre Dezembro/2008 e Abril/2009 e no Brasil de Setembro a Novembro/2010. Aconteceu na sala de aula no horário escolar em dia e horário favorável aos alunos e professores.

Estivemos atentos ao cumprimento de todos os procedimentos éticos necessários ao desenvolvimento do estudo. O Projecto foi submetido, no Brasil, ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.



## DESAFÍO Y PERSPECTIVAS ACTUALES EN EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN

As informações colhidas foram inseridas num banco de dados e tratadas por meio do programa SPSS versão 18.0. Recorreu-se ao cálculo de frequências absolutas e percentuais e medidas estatísticas descritivas.

Os dados foram colhidos junto de 1078 crianças Portuguesas com idade entre os 7 e 12 anos, com uma média de 8,80 anos e desvio padrão de 0,72, maioritariamente residentes numa aldeia, (73,1%), e com ligeiro predomínio do sexo masculino, (53,7%), e por 1800 Brasileiras com idade entre os 6 e 15 anos, com uma idade média de 9,79 anos e desvio padrão de 0,92, maioritariamente residentes num bairro, (41,6%), e com ligeiro predomínio do sexo feminino, (51,6%).

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabiam ter sido amamentados 85,2% meninos(as) Portugueses e 90,2% Brasileiros. Destes 50,9% Portugueses e 63,5% Brasileiros sabiam até que idade ocorreu. A moda do tempo de amamentação dos Portugueses localizou-se nos três meses. Comparativamente, a das Brasileiras localizou-se nos seis meses, seguindo a recomendação da OMS/UNICEF de amamentar pelo menos até esta idade.

Estes resultados são coincidentes com os dos estudos desenvolvidos por Nakamura, Veiga, Ferrarese e Martinez (2003), Bottaro e Giugliani (2008) e Fujimori, Morais, França, Toledo e Honório-França (2008). Também estes autores haviam verificado que a maioria das crianças tinha sido amamentada.

Sabendo que a própria experiência de ter sido uma filha amamentada influencia a futura atitude como mãe, afigura-se que poderá ser uma influência positiva que as crianças do estudo terão na sua futura decisão de amamentar.

Atendendo aos resultados do estudo do ONSA (2003), que explora os dados sobre aleitamento materno, obtidos nos inquéritos nacionais de saúde de 95/96 e 98/99, o resultado obtido mostra que as crianças do estudo tiveram um tempo de amamentação ainda inferior. É frequente em Portugal, as mulheres amamentarem na maioria apenas até esta idade. Este facto poderá estar relacionado com as mães interromperem a amamentação sensivelmente um mês antes de terminar o tempo de licença de maternidade.

Quanto ao tempo de amamentação das crianças Brasileiras verifica-se também que, não seguiram a tendência observada no país. Os dados apresentados na II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal, publicada em 2009, mostram que, de 1999 para 2008, a duração mediana passou de 295,9 para 341,6 dias. A mesma fonte refere que, no Brasil, desde que se procedeu à implementação do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno, no início da década de 1980, se verificaram aumentos dos índices de aleitamento materno.

Embora exista a percepção que, em Portugal, cada vez existem mais crianças que são filhas únicas, o que é confirmado no ensaio exploratório sobre os dados do Censo 2001 realizado por Almeida e André (2004) e posteriormente pelos indicadores demográficos do Instituto Nacional de Estatística (INE) que mencionam que a taxa de fecundidade no ano de 2009, para Portugal, foi de 1,3, os resultados a que chegámos, contrariamente ao previsto, mostram-nos que as crianças Portuguesas do estudo, maioritariamente, têm irmãos (72,7%).

Também o Brasil, ao longo dos tempos, tem vindo a sofrer profundas alterações relativas aos aspectos da natalidade e da fecundidade. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referem que, desde 1970 se verifica uma redução na taxa de natalidade. É neste contexto que, os Indicadores Sociodemográficos e de Saúde do Brasil (2009) e a Revista do Censo 2000 do IBGE (2000) mencionam, respectivamente, ter havido redução no total de nascidos vivos de 2000 para



## VIVÊNCIAS DE AMAMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS

2006 e que as taxas de fecundidade têm vindo progressivamente a cair desde 1940. No entanto, nesta última fonte, pode ler-se que o número médio de filhos por mulher "(...) passou de uma média de 2,85 para 2,38 filhos por mulher. (...)” (p.8). Assim, apurámos, junto das crianças Brasileiras, que também elas maioritariamente têm irmãos, (84,3%).

Quanto às experiências que estas crianças Portuguesas e Brasileiras tiveram relativas à amamentação, relacionadas com o facto de terem irmãos, apurou-se que, embora com irmãos e com irmãos mais novos, 47,4% das Portuguesas e 61,0% das Brasileiras com irmãos, o que naturalmente favorecia poderem ver e assistir à mamada dos irmãos, foi pequeno o número de crianças que viu a mãe dar mama, apenas 34,6% Portuguesas e 44,6% Brasileiras, ou que estava ao pé da mãe quando esta amamentava, somente 31,8% Portuguesas e 34,6% Brasileiras. Todavia, um aspecto a ter em consideração, é que também estas crianças com irmãos, em grande número, 82,1% Portugueses e 85,0% Brasileiros, sabem que os seus irmãos, mesmos os mais velhos que elas, foram amamentados.

Estes resultados poder-nos-ão indicar que, embora se saiba que amamentar um bebé à frente de crianças mais velhas é a forma mais fácil e mais natural dos jovens aprenderem o que é a amamentação e tomarem-na como algo perfeitamente normal, nem sempre nas famílias Portuguesas e Brasileiras são aproveitados todos os momentos para mostrar de forma natural a amamentação às crianças no entanto, o tema amamentação é falado no seio familiar.

O estudo desenvolvido por Fujimori, Morais, França, Toledo e Honório-França (2008) tinha mostrado que a maioria das crianças tinha sido exposta à amamentação nos próprios domicílios.

Considerando-se o pai um elemento importante no processo da amamentação, procurou-se saber junto dos meninos se desde cedo este modelo de participação lhes era transmitido. Foi pequeno o número de crianças Portuguesas e Brasileiras que referiram que o pai por vezes estava ao pé da mãe quando estava a amamentar, apenas 39,8% e 38,3% crianças, respectivamente. Seria de todo pertinente que desde sempre as crianças integrassem no processo da amamentação o pai como elemento importante e participante activo. Bottaro e Giugliani (2008) haviam verificado que as crianças tinham sido de opinião, quase consensual, que a participação do pai é muito importante no processo de amamentação. No entanto, apenas metade achava que a melhor maneira de o pai ajudar na amamentação era apoiando essa prática.

O uso de chupetas e de bicos artificiais constituem factores de influência negativa na manutenção e sucesso da amamentação pelo que, “ Não dar bicos artificiais ou chupetas a crianças amamentadas ao seio” é uma das recomendações da OMS (1989). Questionámos as crianças acerca do seu uso. Tanto os irmãos das crianças Portuguesas (67,9%) como os das Brasileiras (55,9%) usaram ou usam chupeta.

Também Galvão (2006) apurou que aos três meses 79,3% dos meninos usava chupeta tendo 74,5% iniciado o uso na maternidade e a II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal, publicada em 2009, verificou que do total das crianças menores de 12 meses analisadas 42,6% fazia uso de chupeta.

O resultado a que se chegou poderá representar influência negativa para a cultura da amamentação dado que, crianças habituadas a verem os irmãos a usarem chupeta poderão tender a repetir este modelo. Nakamura, Veiga, Ferrarese e Martinez (2003) verificaram que 60% das crianças, mais tarde, ofereceriam chupeta ao bebé.

A utilização da chupeta não se limitou aos irmãos pois também maioritariamente as próprias crianças Portuguesas e Brasileiras fizeram o seu uso, 83,0% e 62,1%, respectivamente.

Os resultados encontrados mostram que, o uso deste artefacto é uma prática enraizada nas duas culturas. Todavia, na página 68 da II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal de 2009 pode ler-se que se verifica uma redução expressiva do



#### DESAFÍO Y PERSPECTIVAS ACTUALES EN EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN

uso de chupeta em menores de 12 meses. Este facto poderá dever-se aos programas pro-aleitamento materno implementados neste país. Como se constata, a percentagem de crianças Portuguesas que referiu ter usado chupeta é superior à das Brasileiras o que naturalmente requer, à semelhança do que se verifica no Brasil, implementação de políticas governamentais e desenvolvimento de programas, metas e acções promotoras da amamentação.

Tendo presente que, amamentar não é um acto apenas biológico mas sobretudo social e culturalmente construído, pretendeu-se saber se é frequente no dia a dia das crianças verem mães a amamentar. Apurou-se, respectivamente, que grande número de crianças Portuguesas e Brasileiras vê familiares e amigas a amamentarem, 61,0% e 72,5%, e quando contacta com os serviços de saúde recebe elementos favorecedores da amamentação, 66,7% e 71,7%. Em contrapartida, isto não se verifica quando se reporta à observação na comunidade. Para 61,8% Portuguesas não é frequente ver uma mulher a amamentar quando passa por uma rua ou jardim comparativamente com 64,2% Brasileiras que respondeu afirmativamente.

O modo que, respectivamente, as crianças Portuguesas e Brasileiras mais frequentemente vêem as mães a alimentar os meninos repartiu-se entre “Pela mama e pelo biberão”, 37,4% e 39,5%, e “Pela mama”, 36,2% e 37,2%.

Também Nakamura, Veiga, Ferrarese e Martinez (2003) e Bottaro e Giugliani (2008) observaram, respectivamente, que as crianças que estudaram “já tinham visto mães a amamentar” e que “são expostas ao ato de amamentar”. Fujimori, Morais, França, Toledo e Honório-França (2008) referem que a maioria dos alunos foi exposta à amamentação nos seus próprios lares.

Tendo presente que ver regularmente outras mulheres amamentando, especialmente na mesma família ou grupo social, constitui um modo privilegiado das meninas, adolescentes e mulheres jovens desenvolverem atitudes positivas em relação à amamentação, afigura-se que as famílias, conviventes significativos e serviços de saúde das crianças Portuguesas e Brasileiras têm sido elementos favorecedores da amamentação. Relativamente aos elementos da comunidade das crianças Brasileiras e das Portuguesas observa-se existirem diferenças, o que se poderá traduzir em dificuldades posteriores para as crianças Portuguesas virem a enfrentar a amamentação como algo natural. A acontecer, a criança poderá desenvolver sentimentos de vergonha, ter dificuldade a amamentar em público ou tornar-se ela mesma elemento constrangedor do acto de amamentação para uma mãe que esteja a amamentar.

A escola, a par da família e da comunidade, tem forte responsabilidade na promoção da saúde e bem-estar da criança que a frequenta e assume um papel importante no processo de aquisição de estilos de vida saudáveis. Assim, pretendeu-se conhecer as vivências da criança na escola em matéria de amamentação. Embora 94,3% Portuguesas e 83,9% Brasileiras respondesse que na escola não existia qualquer desenho, fotografia ou cartaz com uma senhora a amamentar, sensivelmente metade das Portuguesas, (48,4%), e (48,0%) Brasileiras mencionou que lhes falaram sobre as mães amamentarem. O/A professor(a) foi referido(a) por 87,9% Portuguesas e 76,8% Brasileiras como autor deste processo educativo.

Estes resultados, contrariamente aos referidos no estudo de Fujimori, Morais, França, Toledo e Honório-França (2008), parecem mostrar que os professores das crianças Portuguesas e Brasileiras se preocupam em os informar sobre aleitamento, por forma a que quando chegarem a serem mães, as meninas estejam motivadas a amamentar e os meninos aptos a apoiarem a decisão materna, no entanto, como afirma Costa e Silva (2008) “(...) muitas oportunidades são perdidas na escola (...)”.

O nome da enfermeira foi apenas citado 30 vezes pelas Portuguesas e uma vez pelas Brasileiras. Observou-se também que, umas e outras crianças, mencionaram outros agentes de saúde todavia, em pequeno número.

Tendo presente que, em Portugal, a promoção da educação para a saúde em meio escolar é um processo para o qual concorrem os sectores da Educação e da Saúde tendo sido formalizada uma





## VIVÊNCIAS DE AMAMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS

parceria de colaboração activa entre as escolas e os centros de saúde, em que a Rede Nacional de Escolas Promotoras da Saúde se constituiu como um dos resultados, e que o Brasil tem implementado o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de Dezembro de 2007, afigura-se insuficiente a participação destes profissionais nesta área de promoção da saúde escolar.

As crianças cada vez mais são espectadoras assíduas de programas dos meios de comunicação social, em particular da televisão, que desempenham um papel importante no seu processo de entretenimento e de formação, desde que utilizados com consciência, permitindo-lhes que não fiquem apenas circunscritas ao seu espaço físico e da sua família. Procurando saber a participação destes meios na formação das crianças nesta área, questionámo-las sobre se alguma vez viram ou ouviram um programa onde se tivesse abordado este tema.

Apenas sensivelmente metade (58,1%) das Portuguesas e grande número de Brasileiras (78,6%) respondeu que viu um programa na televisão onde se falasse sobre as mães amamentarem e, tanto em Portugal como no Brasil, foi pequeno o número de crianças que respondeu afirmativamente sobre terem ouvido um programa no rádio sobre este tema (17,3% v 28,0%). Estes resultados poderão sugerir que, em Portugal estes meios de comunicação social não têm sido, até ao momento, grandes veículos de promoção da amamentação. Já no Brasil, tendo em conta as campanhas promocionais, as políticas governamentais, os programas e as acções de apoio e incentivo à amamentação que são desenvolvidas e difundidas pelos meios de comunicação social demonstram que ainda não conseguiram abranger todo o universo do estudo. Outro aspecto a considerar nos dois países, é a diferença observada nas respostas relativas aos dois meios de difusão de informação. Poderá dever-se ao facto das crianças verem mais assiduamente, televisão do que ouvirem rádio.

Porque todas as crianças brincam, direito fundamental, e são capazes de o fazerem sozinhas, inventando as suas próprias brincadeiras, mas, geralmente os adultos oferecem-lhes brinquedos, constituiu nossa preocupação conhecer que brinquedos utilizam e se são promotores da amamentação.

As crianças Portuguesas e Brasileiras brincam, respectivamente, maioritariamente com bonecas que têm biberão (71,5% v 73,7%), chupeta (70,5% v 74,3%), e não dão mama (72,0% v 64,7%) e os desenhos animados que habitualmente vêem não têm bonecas a dar mama (62,5% v 56,7%). Os livros das crianças não têm figuras de senhoras a amamentarem (59,3% v 66,4%) nem de bonecas com biberão (56,5% v 60,3%).

Os resultados levam-nos a concluir que, estas crianças são expostas a brinquedos que não promovem a amamentação e têm incorporado utensílios que estimulam uma cultura da alimentação artificial.

Brincar permite às crianças irem construindo e interiorizando normas e valores sociais e culturais. Através do brincar a criança vai desde cedo construindo os seus próprios valores sobre amamentação e inicia a sua preparação para as actividades que serão desenvolvidas mais tarde, na vida adulta, por isso, quisemos conhecer as suas experiências de amamentação quando brincavam.

Mais de metade das Portuguesas (59,2%) e grande número das Brasileiras (64,5%) não fala com os colegas ou amigos sobre as mães amamentarem. Menos de metade (47,4%) das Portuguesas ao brincar com as bonecas finge dar de mamar e, destas, 59,1% alimenta-as com o biberão. Comparativamente, elevada percentagem, (69,2%), de Brasileiras, afirmou fingir dar de mamar mas, destas, 65,7%, também referiu alimentá-las com o biberão.

Também Nakamura, Veiga, Ferrarese e Martinez (2003) apuraram que, pequena percentagem de crianças oferecia exclusivamente a mama ou a mama e o biberão nas brincadeiras, sendo habitual alimentar a boneca por meio do biberão, e Bottaro e Giugliani (2008) verificaram que menos de metade das alunas e menos de 20,0% dos rapazes participaram em brincadeiras em que as bonecas eram amamentadas.



#### DESAFÍO Y PERSPECTIVAS ACTUALES EN EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN

Perante os achados, relativamente aos brinquedos, podemos afirmar que os resultados agora encontrados não nos surpreendem, atendendo ao modelo que estes lhes incutem. Estes dados afiguram-se preocupantes pois, o modo como a criança brinca poderá influenciar a sua decisão futura em termos de amamentação.

Reconhecendo que os pais são os primeiros prestadores de cuidados de saúde aos seus filhos e zeladores pelo seu bem-estar, que a primeira escola da criança é a família onde se transmitem normas, valores e se proporcionam experiências que influenciam comportamentos, atitudes, escolhas e futuras tomadas de decisões e, que os pais exercem influência na decisão da mulher de amamentar, bem como na duração da amamentação, procurou-se saber que experiências de amamentação as crianças tinham em casa. Apenas sensivelmente metade das Portuguesas (54,4%) e Brasileiras (54,3%) referiram que lhes falaram sobre as mães amamentarem. Embora existindo heterogeneidade de respostas, verificou-se que a mãe foi o elemento mais referido como agente promotor da amamentação, mencionada por 61,1% e 65,1% Portuguesas e Brasileiras, respectivamente. O pai associado à mãe e a outros familiares também nos apareceu referido por algumas crianças dos dois países. É de realçar, no Brasil, a importância que assumem os tios (12,2%) e os avós (4,0%) como agentes de promoção da amamentação.

Sabendo que o meio onde a criança vive é de reconhecida importância para o seu processo educativo, que os pais têm influência determinante nos caminhos e escolhas futuras e que as expectativas e experiências dentro da família e da comunidade são muito mais decisivas para influenciar as decisões das meninas, seria adequado que mais crianças nas suas próprias casas tivessem momentos em que se falasse sobre amamentação. Porém, tendo em conta o número de crianças que afirmaram saber que foram amamentadas e que sabiam que os seus irmãos tinham sido amamentados, podemos pensar que este valor talvez seja mais elevado.

Conhecer como as crianças definiam amamentar e que leite consideravam ser o melhor para os bebés foi preocupação deste estudo.

Somente 70,4% Portuguesas mencionou que consideravam saber o que era amamentar comparativamente a 83,6% Brasileiras. Destas, "Dar mama ao bebé" foi a resposta de sensivelmente metade (53,9%) das Portuguesas e de um número muito inferior de Brasileiras, (11,9%). Este dado poderá revelar que estas crianças poderão não relacionar a amamentação apenas com o aspecto nutricional mas também com a parte relacional e vinculativa. A resposta obtida por maior número de Brasileiras, (43,7%), foi "Dar leite ao bebé" sem especificarem que tipo de leite é administrado. O mesmo foi observado em 19,0% Portuguesas. "Dar leite da mama da mãe ao bebé" foi dada por 23,7% Portuguesas e por 29,5% Brasileiras.

Observou-se também que, embora em pequeno número, houve crianças Portuguesas e Brasileiras a focarem aspectos importantes da amamentação. Em contrapartida, verificou-se que, sobretudo as Brasileiras, possuem conceitos muito equivocados sobre o que é amamentar.

Relativamente à opinião da criança sobre o melhor leite, embora se verificasse elevado número de respostas, 88,3% Portuguesas e 81,5% Brasileiras, favoráveis ao leite da mãe existem ainda muitos meninos(as) que não têm este conhecimento presente. É importante que se informe que durante os primeiros 6 meses de vida o leite materno administrado de forma exclusiva é o alimento ideal para a maioria das crianças e que após esta idade deve continuar a ser administrado com alimentos complementares pelo menos até aos dois anos.

Nakamura, Veiga, Ferrarese e Martinez (2003) haviam observado que cerca de 90,0% das meninas consideraram o leite humano o melhor alimento.

A atitude e os valores sobre amamentação formam-se desde cedo e parecem influenciar os comportamentos futuros. Neste sentido, procurou-se saber o que pensa a criança sobre amamentação. Embora elevada percentagem de Portuguesas, (78,9%), e Brasileiras, (81,0%), referisse que



## VIVÊNCIAS DE AMAMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS

mais tarde gostaria de amamentar, apenas sensivelmente metade das Portuguesas, (55,8%), e 61,2% Brasileiras, mencionou que não teria vergonha de amamentar em público. Quando questionadas sobre gostarem de passar na rua e ver uma senhora a amamentar, 54,7% Portuguesas indicaram resposta afirmativa e 46,4% Brasileiras negativa.

Estes resultados foram também encontrados por Nakamura, Veiga, Ferrarese e Martinez (2003), Bottaro e Giugliani (2008), Fujimori, Morais, França, Toledo e Honório-França (2008) que constataram que as crianças gostariam de mais tarde amamentar no entanto, teriam vergonha de amamentar em público.

Havíamos apurado que maioritariamente as crianças Portuguesas não vêem as mães a amamentar fora do seu ambiente familiar. Tínhamos alertado que se poderia traduzir numa visão da criança da amamentação com algumas reservas e tabus. Já relativamente às crianças Brasileiras, atendendo às suas experiências prévias de amamentação este resultado surpreendeu-nos.

Quisemos saber o que a criança pensava sobre as mães amamentarem. Verificámos que, as crianças Portuguesas e Brasileiras consideravam, respectivamente: “Bom” (94,9% v 81,9%); “Melhor para o bebé” (89,3% v 72,2%); “Aproxima a mãe do bebé” (66,0% v 56,9%); “Mais barato” (62,6% v 36,7%); “Mais fácil” (61,0% v 42,8%); “Melhor para a mãe” (53,5% v 40,2%). Para as crianças dos dois países a noção de “A mãe fica com as mamas caídas” (19,3% v 14,9%) e “A mãe perde muito tempo” (11,0% v 10,0%) também faz parte do seu imaginário. Faz parte ainda dos pré conceitos das Portuguesas a ideia que amamentar “Aleija a mãe” (19,7%).

Nos dois países, houve crianças com opinião sobre dar de mamar para além dos aspectos apresentados, centrando-se sobretudo na protecção da amamentação sobre as doenças e ganhos em saúde para a criança e nas crianças Brasileiras nos pré conceitos associados à deformação da mama da mulher. Realça-se que as crianças têm conhecimento das vantagens da amamentação apenas para a saúde da criança não se verificando o mesmo para as mães. Fujimori, Morais, França, Toledo e Honório-França (2008) chegaram aos mesmos resultados.

## CONCLUSÃO

Pretendeu-se com a realização deste estudo contribuir de forma sustentada na evidência científica para um regresso à cultura do aleitamento materno, despertar para a necessidade de implementação de medidas promotoras da amamentação desde a infância e contribuir para a protecção, promoção e suporte da amamentação, considerando-a uma prioridade de saúde pública.

Atendendo que a amamentação embora possua uma componente biológica, não é um acto puramente instintivo, sofre influências sociais, culturais, económicas em que a construção dos valores do leite materno se iniciam desde cedo na infância através tanto das brincadeiras como das atitudes e das acções transmitidas à criança, pelos adultos que a rodeiam é imperioso chamar à atenção das famílias para que inculquem nas suas crianças valores favoráveis ao aleitamento materno. É necessário também que se desenvolvam políticas nacionais junto dos fabricantes e distribuidores de brinquedos para a importância da não inclusão de utensílios propiciadores de uma alimentação artificial. E ainda sensibilizar os profissionais de Saúde e Professores, Escritores e Ilustradores de histórias e livros infantis para a inclusão desta temática nos conteúdos programáticos e livros escolares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. N. & André, I. M. (2004). O país e a família através das crianças – ensaio exploratório. Revista de Estudos Demográficos - INE. (35), pag. 5-35.





DESAFÍO Y PERSPECTIVAS ACTUALES EN EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN

- Bottaro, S. M. & Giugliani, E. R. J. (2008). Estudo exploratório sobre aleitamento materno entre escolares de quinta série do Ensino Fundamental. *Cad. Saúde Pública*, 24 (7), pag. 1599-1608. Brasil. Presidência da República. Decreto nº6.286, de 5 de Dezembro de 2007.
- Costa, M. M. S. M. & Silva, L. R. (2008). Programas de incentivo ao aleitamento materno. Incentivo ao aleitamento materno para crianças em idade escolar. In Issler H,.. (Eds.). *O aleitamento materno no contexto atual: políticas, prática e bases científicas*. (pag.121-129). São Paulo: SARVIER.
- Fujimori, M., Morais, T. C., França, E. L. Toledo, O. R. & Honório-França, A. C. (2008). Percepção de estudantes do ensino fundamental quanto ao aleitamento materno e a influência da realização de palestras de educação em saúde. *Jornal de Pediatria (Rio Janeiro)*; 84(3), 224-231.
- Galvão, Dulce M. P. Garcia (2006). *Amamentação Bem Sucedida: Alguns Factores Determinantes*. Loures: Lusociência.
- IBGE. (2000). Os resultados finais de uma megaoperação. Vou te contar. *Revista do Censo 2000*. Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Gerência de Promoção e Publicidade, (9). pag. 6-10.
- IBGE. (2010). Dados preliminares do Censo 2010 já revelam mudanças na pirâmide etária brasileira. Consultado em Outubro 16, 2010, em [http://www.censo2010.ibge.gov.br/todas\\_noticias.php](http://www.censo2010.ibge.gov.br/todas_noticias.php).
- INE. (2010). Indicadores Demográficos. Consultado em Outubro 16, 2010, em <http://www.ine.pt>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). *Ensino - matrículas, docentes e rede escolar 2008 São Paulo – SP*. Consultado em Junho 10, 2009, em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.
- Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. (2009). *Saúde na escola*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde & Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. (2009). *II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Nakamura, S. S., Veiga, K. F., Ferrarese, S. R. B. & Martinez, F. E. (2003). Percepção e conhecimento de meninas escolares sobre o aleitamento materno. *Jornal de Pediatria*, 79 (2), pag.181-188.
- OMS. (1989). *Protecção, promoção e apoio ao aleitamento materno: O papel especial dos serviços materno-infantis*. Genebra: OMS.
- ONSA (2003). *Uma observação sobre aleitamento materno*. Lisboa: ONSA.



International Journal of Developmental and Educational Psychology  
*Desafíos y perspectivas actuales de la psicología en el campo de la educación*

INFAD, año XXIII  
Número 1 (2011 Volumen 3)

© INFAD y sus autores  
ISSN 0214-9877